

O que é o «Germinal»

COMO dizê-lo sem exageros, e sem modestias convencionais? E' um grupo pequeno pelo número dos individuos que o constituem, mas grande pelos seus intuitos, pelo desinteresse que o anima, pelo ardor e persistencia de esforço de todos os que o compõem.

Que se propõe? Trocar idéas, elaborar pensamentos, criticar á luz de principios os homens e os acontecimentos, sobretudo esclarecer teorias, agitar pontos de vista, isto por amor só da verdade—quando muito pelos beneficios que a verdade deve trazer—num trabalho realizado sem vaidades, apenas entre os seus membros. Os resultados dêsse trabalho virão a lume unicamente com mira nos que amam o melhor, nos que buscam a claridade, ou nos que dela precisam para actuarem avisadamente ao percorrerem caminhos novos.

Não são, porém, problemas ao acaso, nem ainda quaisquer problemas, aqueles que o grupo «Germinal» procura solucionar e se ocupa em debater; são problemas dos chamados sociais, e que, por isso que se chamam sociais, a todos os cidadãos deveriam grandemente interessar. Comtudo, encarados largamente, por uma forma filosofica, admitem, regra geral, só resoluções progressivas, transformadoras do meio social mais ou menos profundamente, e isto faz que na prática, pelo menos, uma vasta maioria antipatise com elles e não lhes queira prestar atenção, pela natural rotina humana.

Sem dúvida não superabunda neste mundo a amplitude de vistas; essa balda, nma fraqueza por vezes, não é a pecha mais comum nem o mais vulgar defeito de que enterma a humanidade; mas, quando problemas gerais, que só admitem soluções gerais, arrastam nas suas soluções, consequencias reformistas, a maior parte dos individuos foge-lhes com o maximo horror, para não perturbar o sôno com dificuldades mentais e com a idéa de alterar a vida, menos dura num preguiçoso ramerrão.

Para tal gente, com toda a certeza, o trabalho do «Germinal», é não só tarefa inutil, mas peor—perniciosa. Por desgraça, o cruel tempo é inimigo declarado da inércia e comodismo; a evolução social põe continuamente

problemas, que nos força a resolver praticamente, quer o queiramos ou não, e as soluções são sempre novidades, pois não se pode a casos novos dar soluções gastas e velhas que para elles não foram feitas.

O conservantismo nega, fecha os olhos, não quere que os factos surjam ou pretende estorcegá-los á nascença. O tempo é implacável, sempre fértil e sempre variado; e quando os retrogrados menos o esperam, as criaturas rotineiras, atira-lhes com uma convulsão social, envolve-as, submerge-as por vezes, numa guerra ou numa revolução, sem que lhes deixe mais que o recurso de apostrofarem loucamente, com frequencia, acusando de causadores da catastrophe aqueles que só procuraram, estudando a vida social, diminuir a brutalidade da tormenta.

Pela parte que me toca, não imagino sinceramente que as idéas, a propaganda, criem os factos ou os precipitem — e muito menos uma propaganda que não se dirige á emoção, porém, sim, ao entendimento. Pelo contrario, é tomando nota das transformações que se vão operando e calculando as consequencias que elas trazem, que se podem moderar muitos abalos, evitar desapontamentos rudes e choques da maior violencia, afigura-se-me.

O grupo «Germinal», da sua acção — acção apenas intellectiva, de palavra escrita ou falada — não exclue nenhum individuo nem classe. A sua obra, de boa vontade e boa fé, é para todos os que possuam essas mesmas duas qualidades. Entretanto, não ha dúvida que é no povo, nas classes populares (sem compromissos com o actual, sem o ofuscamento de certos interesses), que predomina a sinceridade e os instintos transformadores; mas é tambem nelas que mais escasseiam as idéas serias e claras. Falta-lhes o que é possível dar-lhes — e em Portugal tão pouco teem dado — a instrução, elucidação, orientação — embora nelas abundem as qualidades morais (tão pouco compreendidas por vezes!); ao passo que outras classes, mais favorecidas do acaso, são cegas da peor cegueira, daquela que não quere ver — e pouco por elas é exequível. Ao povo, pois, sobretudo, nos dirigimos.

A nossa obra parece extemporanea quando são tantas as dificuldades em que na hora actual se debate o nosso país, ou antes, todo o mundo europeu; comtudo, é tão consideravel a renovação que se está operando, já mesmo durante esta guerra, e tão amplo o horizonte que começa

a estrever-se, que nenhum esforço, me parece, virá fóra de proposito, será uma inutilidade luxuosa, se desde agora fôr dedicado com imparcialidade e profundeza aos problemas sociais.

CESAR PORTO

A propriedade

A propriedade tal como a herdámos do regimen feudal, vencido pelo terceiro estado na Revolução Francesa, tal como o terceiro estado, ou a burguesia triunfante, a impõe no seu regimen capitalista, não temos a menor reluctancia em confessa-lo, é um regimen de espoliação, de violencias, de fraudes, de mentiras, e de iniquidades!...

Num grande numero de casos, a propriedade é o roubo, na frase rude e vingadora do panfletario francês, dêsse grande agitador das almas, sementeiro das ideias, do polemista invencivel e inigualavel, P. J. Proudhon.

Tanto ferem as susceptibilidades da alma moderna e os dictames da Justiça, e o equilibrio moral das consciencias e das multidões, para que a civilização encaminha os Povos em toda a face da Terra, os *lati fundi* dos lords em Inglaterra e dos gran-duques na Russia e outros senhores, herdeiros de antigas casas feudais, como os capitais fabulosos dos archi-milionarios Norte-Americanos!...

Uns e outros são a negação absoluta das leis de organização, do concurso, da mutualidade e da solidariedade; a postergação irritante e iniqua da equivalencia social, das leis de proporção, de equilibrio, e de harmonia em que o nosso mundo interior deve coexistir com o mundo exterior, o Universo.

Uns e outros derivam do regimen illicito do capital-terra e do capital-dinheiro; ambos solidarios na exploração do proximo á sombra de privilegios, que uma defeituosa organização social impõe, mas que a Consciencia e a Justiça moderna repelem.

MANUEL D'ARRIAGA

(Ex-presidente da Republica Portuguesa).